

# O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2001- ANO V - Nº 51

## EDITORIAL

Passados cem dias da posse do atual prefeito de Piquete, este envia à Câmara Municipal relatório no qual presta contas à comunidade, cumprindo o que determina a Lei Orgânica do Município.

Em um município pequeno e pobre como Piquete, com fraca arrecadação, com orçamento ínfimo, teoricamente quase nada pode ser feito para atender as necessidades básicas da comunidade. No entanto, se houver uma ação conjunta entre as diversas lideranças municipais, de mãos dadas com a população, na busca de alternativas para os problemas comuns, muito mais poderá ser feito. Nossas dificuldades são de todos conhecidas. Assim, não são válidas as justificativas de falta de recursos. Administrar uma cidade é uma arte. E para fazê-lo, é preciso talento, audácia, criatividade e, principalmente, vontade de vê-la próspera, desenvolvida, oferecendo qualidade de vida para todos seus munícipes. O atual prefeito de Piquete demonstra tê-los.

Nas últimas eleições a população fez a opção por novos vereadores, esperando, com isso, banir os vícios políticos de antigamente. Espera-se que os novos edis correspondam às expectativas, exercitando seus mandatos com seriedade, competência, eficiência, civismo e, principalmente, espírito público.

Executivo e Legislativo deverão, consoantes, trabalhar para nosso crescimento e aprimoramento social. Por outro lado, é preciso transparência nas ações, buscando apoio junto aos munícipes, pois eles deverão ser responsáveis e participantes nessa empreitada. Parcerias já estão ocorrendo. A atual administração sinaliza com a criação e fortalecimento de associações de bairros e de diversos Conselhos Municipais, que estarão participando na gestão do município.

O novo Legislativo deverá estar ciente de seu papel e não repetir erros do passado, quando muitos vereadores se reportavam como porta-vozes de grupos de moradores, mais interessados em resolver problemas particulares e de competência do Executivo, deixando de legislar em benefício do coletivo.

É preciso seriedade nas ações e juntos traçarmos metas de desenvolvimento integrado, criando uma estrutura administrativa moderna, ágil e eficiente. Um plano diretor é o que se espera para nossa cidade. Acreditemos em nossas potencialidades e unamos esforços em prol de Piquete.



Festa da Aleluia promovida pela Associação de Moradores da Vila Cel. Monte, na Praça José Vieira Soares.

## Evangelizar: terapêutica contra as drogas.

Comemoramos em abril o descobrimento do Brasil e o início de sua evangelização, que ocorreu em 1500, com a chegada dos portugueses e dos primeiros missionários.

Nascemos sob o signo da cruz e o processo de evangelização esteve ligado à colonização. Essa associação ocorreu em função do “padroado”, em que havia uma colaboração entre Igreja e Estado, devido a um acordo entre Portugal e Espanha e o Papado.

Com a proclamação da República (1889), foi extinta essa Instituição. A história nos mostra nosso caminhar enquanto maior nação católica do mundo e também a importância do Cristianismo na nossa formação. Erros cometidos durante o processo histórico de evangelização foram recentemente revistos e penitenciados. A Igreja, dinâmica como é, tem acompanhado as mudanças que ocorrem pelo mundo. Devemos nos adaptar aos novos tempos, sem perder de vista valores éticos e morais, que são extemporâneos.

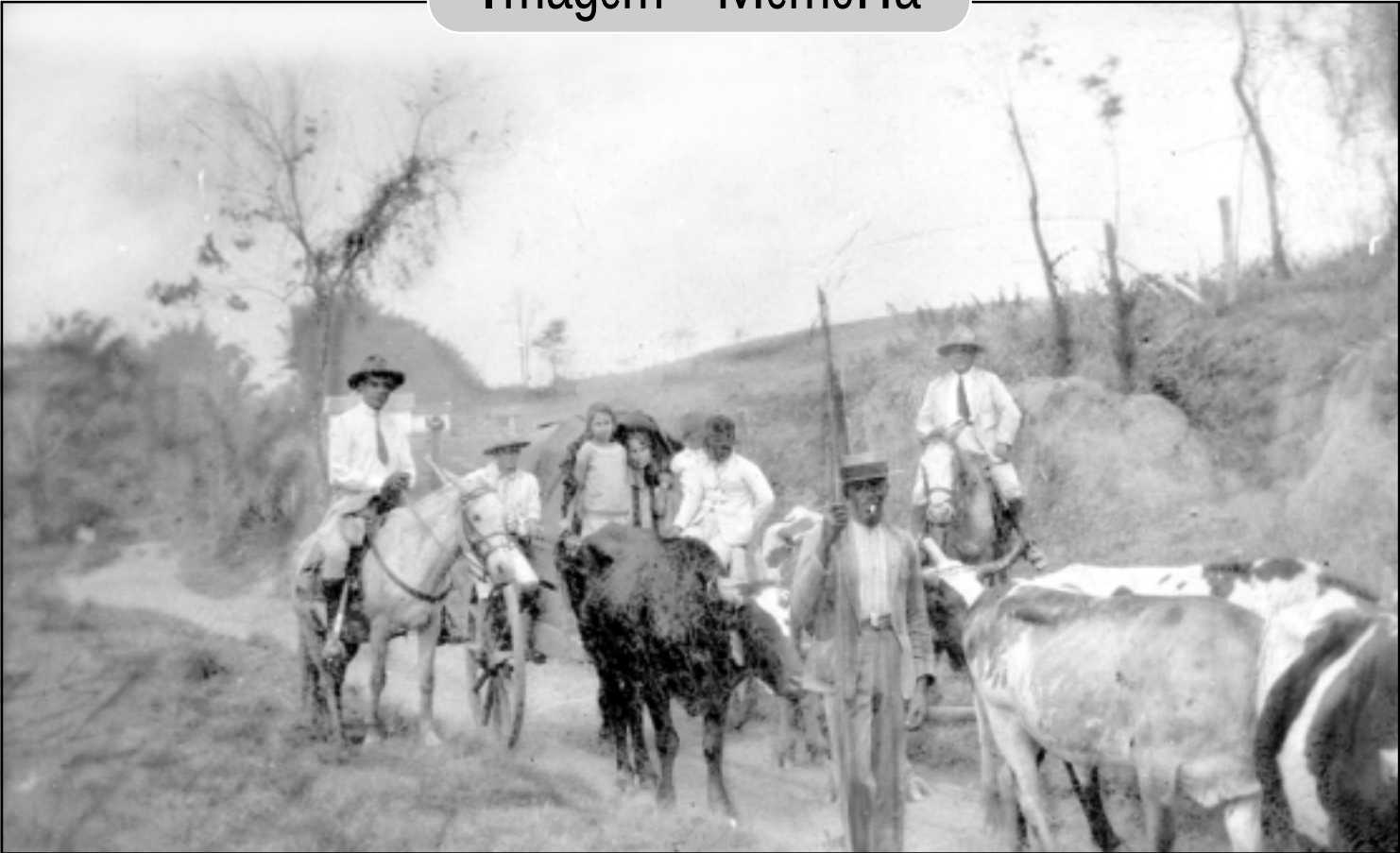
Hoje, num mundo globalizado em que o hedonismo, o consumismo e o individualismo imperam, crescem as desigualdades sociais, fruto da perda de nossas referências básicas, de nosso egoísmo e de nossa não participação no dia-a-dia da sociedade, levando ao rompimento de vínculos comunitários, à desagregação da família e ao enfraquecimento religioso.

Por outro lado, a falta de instrumentos sociais que atendam as necessidades básicas dos nossos jovens: educação,

cultura, esporte, lazer, emprego etc – os tem levado à busca de prazeres efêmeros e à perda do sentido da vida. Acabam se refugiando nas drogas, buscando um refúgio para seus problemas existenciais. Com o aumento do consumo de drogas, cresce o narcotráfico e, com ele, a violência, o desrespeito e o medo. A sociedade, acuada, se isola. O espírito comunitário, sempre presente em nossa sociedade, se enfraquece. A solução para o equacionamento dessa grave questão passa, justamente, por um movimento de resgate da religiosidade e por uma nova evangelização. Assim, a Igreja Católica, corajosamente, propôs como tema da Campanha da Fraternidade deste ano, “Vida sim, Drogas não!”, conclamando toda a sociedade a se engajar nesta Campanha.

Como os primeiros missionários, a mensagem salvífica deverá ser levada a todos e vivida no nosso dia-a-dia, para que ocorra interação entre fé e vida. Exercitemos a cidadania participando. O exemplo arrasta. O discurso não mais convence. Os jovens sentem um vazio de Deus e estão ávidos por Ele. É preciso repensar o processo de evangelização e levar a “boa nova” e o amor de Cristo a todos os cantos, uma vez que a palavra anunciada desperta a fé, a conversão e a inserção na vida comunitária para a fraternidade e para as nossas relações sociais. O engajamento na campanha e nos problemas sociais da cidade é primordial. É preciso cristianizarmos, pois a fé sem obras é morta. É hora de trabalhar. É hora de evangelizar.

# Imagem - Memória



Família de Custódio Vieira Bittencourt, indo da Fazenda do Ronco para a Festa no bairro do Quilombo. Na foto, Nhozinho Bittencourt e família de José Corrêa. Foto de 1928

## Carro-de-Bois

O carro de boi chegou ao Brasil com os primeiros colonizadores portugueses, logo após o descobrimento, no século XVI. De origem romana, foi introduzido na península ibérica quando de sua invasão pelos romanos. Na região do Minho, sofreu algumas modificações e veio para o Brasil.

Apesar de rústico, modesto e vagaroso, o carro de boi constituiu-se um dos fatores que mais concorreram para o desenvolvimento de certas atividades rurais em nosso país, pelas possibilidades econômicas que revelou, permitindo maior concentração de carga que os demais meios de transporte terrestre em uso. Foi muito utilizado em nossa região para o transporte de cana, milho e principalmente café, no século XIX.

Com a construção da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em Piquete, no início do século XX, aumentou a quantidade desses “veículos” em nossas ruas poeirentas. Muitos carros e carroções, puxados por juntas de bois, fizeram, a partir de 1905, o transporte de madeira, tijolos e maquinários, antes da chegada do trem. Muitos piquetenses ainda têm na memória o cantar dos carros. Eram, com frequência, carros puxados por quatro ou seis juntas, transportando lenha para a Fábrica.

Esses veículos possuíam rodas

maciças e eixos móveis, com cavas que atritavam contra os cocões e os chumaços (calços ou cantadeiras), produzindo ranger, espécie de toada de gemidos, chiados e guinchos monótonos.

Foram muito utilizados, também, no transporte de famílias, para visitas, festas religiosas ou passeios. Quando da Semana Santa, casamentos e outras festas no Embaú ou Quilombo, parte da população de Piquete, acompanhada da Euterpe Piquetense, fazia a viagem em carros que eram dotados de toldas de esteira, às vezes recobertas de chita. Acompanhando de perto, ia o chefe da família, no seu cavalo de sela.

Figuras importantes ligadas ao carro-de-boi são o “carreiro” e o “candeeiro”. O primeiro é o condutor, o que lida com as juntas, apelando para os nomes dos animais – Mimoso, Faceiro, Malhado, etc; às vezes bastava falar com os bois do carro, dando ordens de chega, afasta, encosta, quieto, etc, ou as exclamações ei!, eia!, hó!, hoi! e outras gritas semelhantes. Quando o apelo verbal não é atendido, o que é raro, entra em cena o “ferrão”, ponta aguda de ferro preso à extremidade de uma vara comprida.

O “candeeiro”, em geral, é um menino munido de pequena vara, sem ferrão, que vai à frente da junta dianteira, dando direção à marcha. Ladeira acima, ladeira

abaixo, pelas curvas dos caminhos, ia o carro-de-boi cantando e, quanto mais cantasse, mais distinto era.

*“carro-de-boi que não range não é bom; carro-de-boi, bom, é rangedor...”.*

Ainda hoje o carro de boi pode ser encontrado na zona rural de Piquete, para o transporte de pessoas e da produção agrícola. É comum, também, o uso de arados nas encostas íngremes de nosso acidentado relevo. Esses primitivos e bucólicos meios de transporte e trabalho são uma atração em nosso município, remanescentes dos primeiros anos de nosso povoamento.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração:

Marcos R. Rodrigues Ramos

Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem:

1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

**GENTE DA CIDADE****Celina de Barros**

Ela nasceu no mesmo lugar onde ainda reside com sua tia Nair Porfírio – rua 13 de maio – em 4 abril de 1914. Entrevistá-las é uma viagem no tempo. Juntas, armazenam um rico acervo de dados. São memórias vivas de Piquete, principalmente da Paróquia de São Miguel, em que sempre estiveram à frente, num trabalho de evangelização que já dura mais de 70 anos.

Filha de Eulália Maria de Jesus e Donizete de Barros, Celina ficou órfã de pai aos cinco anos. Foi criada, então, junto com os avós Geraldino Porfírio e Rosaria Maria de Jesus. Atribui a eles sua esmerada educação e valores religiosos. Da infância, recorda do avô enérgico, que incentivava nela e no irmão Luiz de Barros – musicista de nossa Euterpe e jogador do Estrela Futebol Club –, o amor ao trabalho, retidão de caráter e responsabilidade. Da avó, a calma e a fala modulada num tom baixo que transmite paz.

Da antiga escola recorda-se do diretor Luiz de Castro Pinto e das professoras Carlina Barbosa, Durvalina Brito e Alcina Rodrigues; e das amigas Eudóxia Leite, Elza Brito, as irmãs Geni e Georgina Eklund.

Trabalhou no DAM, da FVP, como bordadeira, onde se aposentou. Paralelamente, pautou sua vida no calendário de festas da Igreja. Foi preparada para receber a primeira comunhão por Julieta Luz e Áurea Arantes. Conta-nos que em Piquete não havia padre e um catolicismo popular sustentou nossa Igreja por muitos anos. Rezas e novenas em família eram constantes. Uma vez por mês, o Pe. Arthur de Moura vinha de Lorena celebrar em Piquete. A antiga matriz de São Miguel era ponto de encontro de todos da cidade, que se reuniam nas quermesses, instaladas na atual Praça Leonor Guimarães, ao lado de um coreto.

D. Celina sempre trabalhou para a evangelização de nossas crianças. Com D. Leonor Guimarães à frente, e a tia Nair Porfírio, ambas catequistas, colaboravam com as obras paroquiais, buscando recursos por meio do teatro: D. Nair na direção e Celina na confecção das roupas, a maioria de papel crepom. Recorda, com emoção, de



uma peça de grande sucesso: “Anjo dos Pobres”, muito bem aceita e ovacionada pelo público que lotou o Cine Glória. A renda era para as obras assistenciais e da Igreja.

Celina participou também do Coral da antiga Matriz de São Miguel, que tinha como regente “seu” Chiquinho Máximo e Maria Eufrázia ao harmônio, além de Lili Couto, D. Mariquinha, Zezé do Carlos, Angelina César e Elizabeth Costa Ribeiro. Recorda-se da voz maravilhosa da maestrina D. Carmélia Bittencourt, sempre exigente nos ensaios. Ainda canta, hoje, no Coral Santa Cecília.

Com a chegada de nosso primeiro padre, João Guimarães, em 1934, grandes mudanças ocorreram na Paróquia de São Miguel: houve um aumento da espiritualidade do povo. Mudanças são sempre bem-vindas.

Celina fez parte, por muitos anos, da Pia União das Filhas de Maria. É também uma das fundadoras da Irmandade de São José, trabalhando em prol das vocações sacerdotais.

Nossa homenagem a essa insígne piquetense.

**Trabalho voluntário***Celso Colombo*

Objetivando fundamentalmente aproximar as pessoas e aliviar o sofrimento de muitos, a Organização das Nações Unidas – ONU – instituiu este ano, em 123 países, o Ano Internacional do Voluntariado.

Nosso país, que há um bom tempo domina a tecnologia da solidariedade, está engajado neste programa e reúne excelentes condições para servir de paradigma a muitos outros. O voluntário tem que ser espontâneo e, acima de tudo, sentir prazer na ação a que se propôs. Agindo dessa forma, voluntários poderiam fortalecer ações sociais desenvolvidas em asilos, creches, orfanatos, igrejas e escolas. Neste contexto, tomamos a liberdade de recomendar que voluntários engrossem as fileiras das instituições que já realizam, com seriedade, trabalhos sociais em nossa Piquete. A experiência mostra que para o sucesso das ações comunitárias, o importante não é criar uma nova instituição, mas sim agregar esforços em uma já existente. Em Piquete, temos certeza de que instituições tradicionais receberiam de braços abertos voluntários para reforçar a educação, a saúde, a alimentação, enfim, a cidadania de muitos piquetenses. Nossa cidade é carente em muitos aspectos e convive, infelizmente, com bolsões de miséria. Se desejamos uma cidade organizada, bonita e livre de excluídos, precisamos não de discursos, mas sim de ações e, como consequência natural, resultados.

Dessa feita, solicitamos aos piquetenses que arregacem as mangas e coloquem suas experiências à disposição de uma instituição com vistas a tão somente dar a outros dignidade e resgate de direitos e de cidadania. As entidades que estão lutando para sustentar alguns piquetenses, podem ter certeza, passam por dificuldades e, efetivamente, necessitam de voluntários que queiram colocar sua vontade acima de credos e convicções políticas. Este é o nosso apelo para que os menos favorecidos pela sorte possam encontrar, em nossa cidade, o caminho da alegria, da amizade e da fraternidade com o trabalho voluntário, que não deve ficar restrito ao Ano Internacional do Voluntariado. Que este ano, sim, seja o marco de maiores avanços e conquistas nesse difícil campo social que, há muito tempo, tem encontrado em nossa Piquete um digno espaço acolhedor.

**“Bem-aventurados os  
que sustentam a paz.”**

São Francisco de Assis

Irmandade de São José e o Pe. Luiz Carlos, em frente à Matriz de São Miguel. Foto da década de 80.



Foto arquivo Pro-Memória

## São Miguel das Almas

O santo desse nome é freqüentemente invocado como referência de lugares, capelas e devoções no período colonial. Assim, São Miguel começou a chegar ao Brasil desde o século XVI.

O nome, dessa forma, dado a ele, relaciona-se ao fato de que cabe ao arcanjo celeste das hostes vitoriosas a missão de pesar as almas em sua balança para, a serviço do Deus supremo, dar-lhes destinação. Ora, se é juiz e defensor das elites hierárquicas entre os anjos, fez-se o protótipo das referências de direito e de poder. Não poderia ser diferente.

As imagens mais antigas conhecidas no Brasil, desde o período colonial, mostram-no de várias formas, mas não lhe faltam a espada e a balança.

Tenho visto diferentes imagens de São Miguel.

Elas, praticamente, não faltam nas igrejas. O demônio submetido é mais feio em algumas do que em outras, mas o semblante do arcanjo varia da fortaleza à pureza das linhas. Em algumas imagens a face é mais dura pela aparência de músculos retesados; em outras, a placidez após a vitória dá-lhe semblante de equilíbrio e pureza de linhas. Louro sempre, branco, legionário, combatente e forte.

Na catedral de Guaratinguetá há uma bela imagem de São Miguel, na qual ele é apresentado todo em volume, pesado, maciço, as pernas e braços fortes. A cabeça poderosa, a face concentrada em força. Na balança, cabecinhas humanas. Um tanto insólito. Mas fiel aos seu ideário.

Na matriz original, sede germinadora de Piquete e sua religiosidade, uma pequena e requintada imagem existiu, encantou e conjugou as orações dedicadas como apreço, devotamento e homenagem.

De fino lavor, embevecia seus admiradores pela leveza do porte e perfeição da forma.

Onde está? Esta pergunta tem sido feita



Capela de São Miguel das Almas.

e repetida por Francisco Máximo, cronista deste “O Estafeta”, seu revisor, e antigo coroinha dedicado. Conhecia-a de perto. Preza-a muito. Lamenta sua ausência. Na mudança para a nova sede da matriz a imagenzinha, retirada de seu local honorífico, no altar mor, desapareceu sem deixar traço.

É patrimônio do povo de Piquete. Deve ser devolvida.

A matriz histórica a guardaria com todas as honras: é esse o seu lugar de direito. Pois mudar não significa apagar, deletar como na linguagem fugidia e descartável dos computadores. Se partimos para o novo, justificados pela razão efêmera de que tudo é passível de mudança, anulamo-nos como sujeitos históricos que somos de nós mesmos, e da cultura que nos une e faz ter bases, logo, sentido. Senão, seremos meras figuras decorativas e dispensáveis. Dispensadas as decorações, vão-se os motivos. E a busca da beleza anula a razão dela, pois perde a permanência.

Uma nova imagem do Santo Padroeiro

mostra-se leve, elegante e etérea em seu nicho de vidros, flores e iluminações, na matriz mudada. É bonita nos seus dourados. É o mesmo branco, louro e legionário, com a espada, a balança e o pisoteio do dragão do mal. Incorpora toda a simbologia de que é portador. O outro Miguel, todo branco e de gesso, original da nova Matriz, da elaboração do eminente artista plástico e grande professor Antônio César Dória, foi colocado na parede externa, frente à praça, qual ave pousada, as rijas asas brancas abertas a enfrentar ventos e procelas. Sob a invocação de protegimento. O que ele tem de diferenciado, depois de ter tantos anos permanecido na parede interna principal, é a força expressa no equilíbrio de suas linhas. Aponta o céu com o indicador. Resistente, e talvez, mal compreendido, lembra-nos um tempo (que também foi) mudado. Ele é um símbolo de mudança. Fazia parte de um conceito.

Na Matriz enfaticamente mãe, primordial, um Miguel estava em tela pintada no teto. Representava um jovem louro de cabelos espessos esvoaçantes na expressão da vitória. Era bom olhar para cima e vê-lo lá imperante, a nos estimular. Descobri bastante tempo depois ser aquela tela uma cópia de outra, muito famosa, que numa enorme emoção, descobri no Louvre, em Paris, ladeando a Mona Lisa, num lugar de honra renascentista. Italiano, com certeza, na forma, na concepção, nas cores.

Foi essa representação que César Dória mudou, dando-lhe uma modernidade abasileirada, com os cabelos lisos e retos, e um dedo para o alto apontando o infinito nominado como absoluto.

Símbolo do tetraedro concebido por Prometeu da Silveira, referência do que hoje é matriz, fulcro e dimanador das benesses. A outra, plena de bênçãos e de nossas carinhosas tradições, dimana em uníssono, matriz na plenitude de todas as gerações.

**Dóli de Castro Ferreira**

## Conselhos Comunitários: espaço de participação

“Longo é o caminho ensinado pela teoria. Curto e eficaz o do exemplo”, já nos ensinava Sêneca, filósofo romano, (4 a.C.).

Desde o primeiro número de “O ESTAFETA”, temos cobrado de nossa população maior empenho no dia-a-dia da cidade, exercitando a cidadania. Somos um município pobre, carente de recursos, em que políticas públicas precisam ser traçadas nos diversos setores. Para que elas aconteçam, é preciso participarmos, somando esforços com nossos governantes. Só assim seremos contemplados com esses nossos direitos fundamentais.

Carecemos de lideranças que, com exemplos, ensinem o caminho do trabalho comunitário. No passado, governos centralizadores nos impediam de participar. No entanto, ventos de mudança sopram em todas as direções. Assistimos, por todo o país, à descentralização do poder e à participação cada vez maior da comunidade nas decisões importantes dos municípios. Nossa atual Constituição defende a descentralização, redistribuindo competências. Em todos os setores da sociedade a população tem que controlar as ações de nossas autoridades, para que cumpram suas funções. Um instrumento

por meio do qual a população interfere diretamente são os conselhos municipais, previstos em lei, que devem participar planejando, acompanhando, fiscalizando e priorizando. Muitos conselhos ainda são formados apenas para “inglês ver”; não são atuantes, e seus membros não sabem da importância de seu papel.

Temos que fortalecer os conselhos municipais para que se tornem atuantes e mais competentes no exercício de suas funções. Só uma sociedade com cidadãos participantes poderá ter governos competentes e eficientes para fazer da ação pública um verdadeiro servir.

“Brasil, Terra de Santa Cruz”



Fazenda Santa Lydia, no Itabaquara.



Pórtico da FVP.



Estação Ferroviária Rodrigues Alves

A TV Canção Nova esteve em Piquete, no dia 18 de março, para a gravação do programa “Brasil – Terra de Santa Cruz”, que foi ao ar diversas vezes durante o mês de abril.

Este programa, que tem por objetivo mostrar aspectos históricos, culturais e religiosos de uma localidade, é assistido por todo o território nacional, em virtude da grande audiência da TV Canção Nova. Esta foi, portanto, um oportunidade ímpar para Piquete se fazer conhecido.

A Fundação Christiano Rosa recebeu a equipe de gravação, que tem como diretor o apresentador do programa, o jornalista Lúcio Domício; as filmagens estiveram a cargo do câmera Laércio Teixeira e a edição foi de Daniel.

Após gravação na sede da FCR, a equipe da TV Canção Nova foi recebida na presidência da IMBEL, pelo Cel. Alfredo Maurício de Araújo, que gravou depoimento. A Vila da Estrela e a Estação Ferroviária Estrela do Norte, bem como a Usina Hidrelétrica Rodrigues Alves, foram mostradas. Chamou a atenção da equipe a excelente área de mata atlântica, muito bem preservada pela IMBEL, e a intenção da FCR de criar uma Parque, em parceria com a IMBEL, ELEKTRO e Prefeitura Municipal, em parte dessa mata. Outros importantes monumentos foram mostrados, recebendo especial atenção a Capela de São Miguel das Almas, nossa antiga matriz, devido ao seu valor histórico-arquitetônico e por ser símbolo do trabalho dos piquetenses.

Na zona rural, além da paisagem serrana e dos Marins, foi mostrada a Cachoeira do Jaracatiá, no bairro do Mundo Novo. Além das belezas naturais e do seu complexo arquitetônico, a história de Piquete foi muito valorizada pela direção do programa. O apresentador apontou, também, a vocação do município para o turismo ambiental: “matéria prima para isto ele tem”.

“Brasil - Terra de Santa Cruz” atingiu os objetivos propostos, pois foram muitas as manifestações de diversas cidades da região e de outros estados, de apreço à FCR, por seu empenho em divulgar Piquete. Fica o agradecimento e reconhecimento à TV Canção Nova e à equipe de produção.

Malhação de Judas

No domingo de Páscoa, logo pela manhã, em muitas partes de Piquete, podemos encontrar alguns bonecos confeccionados com roupas velhas, amarrados em postes, cercas ou enforcados nas árvores. São os “judas”, tradição extremamente popular, originária da Península Ibérica, que chegava à América Latina nos primeiros tempos da colonização.

Na maioria das cidades brasileiras, onde esta tradição é mantida, o enforcamento, queima ou malhação do judas é feito no sábado de aleluia.

Os bonecos, confeccionados por grupos de jovens, são recheados de jornal, palha

ou estopa. No seu interior é comum colocar bombinhas e fogos de artifício, que estouram em verdadeira apoteose muito festejada pela assistência. Colocam-se, também, em suas entranhas, balas, pinhões e moedas, que são arremessados quando estouram.

O boneco traz no pescoço, muitas vezes, uma tabuleta com o nome de um personagem conhecido da cidade. Geralmente, um encenqueiro, um político, sempre ironizado na figura de Judas.

Ao meio dia de domingo, quando os sinos da Matriz proclamam a aleluia, os bonecos são atacados e incendiados por entre brados dos populares. O costume da

malhação é precedido por um julgamento e sua conseqüente condenação. Antes da execução da sentença, é lido o testamento do judas: uma sátira a pessoas e acontecimentos locais, a maioria das vezes ocultando-se o nome dos implicados, mas deixando pistas identificadoras.

O apóstolo traidor é queimado ao som da garotada que comemora gritando “aleluia...” “aleluia...” e sai, a seguir, pelas ruas, pegando balas e doces atirados pelos moradores e comerciantes e retribuindo com: “Deus lhe pague”... “Deus lhe ajude”... ou então “Pão duro”... “Miserável!”, quando não correspondida.

Judas “enforcado” na Praça José Vieira Soares.



Judas no bairro da Caixa D’Água.



Judas em frente ao Armazém Floresta.



## Varandões de outrora

Várias vezes tenho passado por uma velha casa, em ruínas, num bairro afastado entre as cidades de S. Bento do Sapucaí e Santo Antônio do Pinhal.

Olho admirada para os restos da bela varanda da frente envolvendo a casa e dando vistas para um límpido riacho.

Sempre alimentei a idéia de um dia parar ali. Um dia consegui. Piso na varanda abandonada. As tábuas rangem sob meus pés, vasculho toda a velha casa como procurando algo. E talvez procure mesmo.

Meus pensamentos voltam-me à lembrança da varanda da casa de minha avó: larga, com grandes colunas.

Como gostávamos, eu, irmãos e primos, de lá gozar as férias!

Em tempos idos, a varanda da frente era a parte central da casa. Também, a chamávamos “varandão”.

Nas tardes quentes de verão, meus avós ali ficavam debulhando milho, alimentando as galinhas, ensacando grãos de café ou fazendo outras atividades de rotina diária.

A varanda era o posto de comando para os pais, tios e avós, que ficavam nos vigiando enquanto brincávamos pela redondeza.

Nos dias de chuva, ela se transformava num “playground”. Na nossa imaginação as colunas e vigas que a sustentavam se transformavam em belos castelos, possantes navios, rodas-gigantes...

Para nossa alegria e dissipação dos sonhos, vovó nos servia pipocas quentinhas, bolinhos de chuva e café saboroso. Que delícia!

Todos os domingos vovô ficava ali, desfrutando da beleza do local, sentado sozinho em sua cadeira de balanço, tocando viola, cantarolando e lançando no gramado pontas de cigarro de palha.

Talvez sejam essas recordações que me levem a explorar a antiga varanda da casa abandonada.

Hoje, nossas varandas, em geral, encontram-se vazias. Jovens namorados gostam mais de barezinhos, cinemas ou “shoppings”. Adultos estão dentro de casa; a televisão absorve suas horas de lazer, exercendo a magia que entorpece os espíritos.

As casas modernas raramente são construídas com varandas: têm alpendres fechados por altas grades para dar maior privacidade e, principalmente, evitar a invasão de assaltantes. Vivemos engaiolados, sujeitos a violências!

Mesmo assim, morando em cidade do interior, vez ou outra vejo alguém na varanda – uma pessoa mais velha, olhar perdido a distância, crianças entretidas com algum jogo.

Sinto vontade de parar, ir até à varanda e ficar junto delas contemplando a vida lá fora, à velocidade de uma cadeira de balanço.

Um carro buzina. O motorista acena, como velho amigo. Então me pergunto: será que também ele está recordando algum dia de verão em que ficou vendo as horas passarem, sentado à toa numa varanda?

**Eunice Fernandes**

## Fraternidade

“Desde os primeiros anos de idade, quando via meus colegas irem para escola e eu ficava sempre só, já me dava uma imensa curiosidade de ir um dia conhecer essa tal escola.

(...) descobri que o estudo engrandece, torna sábio e faz falta (...)

Pena não ter enxergado isso antes, (...) pois perdi muitos anos letivos por pura idiotice, mas nunca deixei de estudar. É uma coisa que sempre gostei de fazer e sempre que puder e se Deus quiser, estudarei.”

O que transforma um jovem “normal” como o que escreveu esse texto num marginal? Que encantamento há que nos transforma de admiradores e incentivadores em assustados, perplexos, mudos?

Que mágica é essa que produz a violência, o desamor, o ódio?

Até que ponto vai nossa ingenuidade em achar que mortes e violência só existem do lado de lá do rio, com os filhos dos outros?

Nossa cidade ficou profundamente abalada com o crime cometido no sábado de carnaval. O texto acima é de um dos garotos que o cometeu. São pessoas de

nosso meio, são filhos, alunos, amigos, transformados em inimigos.

Vejo, ouço, sinto o ódio das pessoas por eles. Todos devemos pagar nossos erros e ele também devem. No entanto, a religião que a maioria de nós professa prega a condenação do erro, do pecado, não do pecador. A Campanha da Fraternidade fala em amparar, ajudar a sair do vício, reestruturar. Não fala em fuzilamento, linchamento ou o que valha.

A convocação é para a luta contra a droga, o traficante. O viciado precisa de ajuda, precisa encontrar o caminho de volta.

Os irmãos das vítimas já deram um grande passo: doaram a casa em que aconteceu o crime pra o grupo Renascer, que trabalha, efetivamente, na recuperação de viciados.

E nós? Vamos ficar por aí a cochichar, apontar o dedo, odiar? Que podemos fazer para retirar esse câncer da droga das mãos dos adolescentes, crianças e até adultos da nossa cidade?

Pensando nisso, escrevi. É uma tentativa de começar uma luta, fazendo aquilo que eu sei. Quem sabe, se nos unirmos, encararmos o problema, não o venceremos?

**Miriam Schmoeller**

## Crônicas Pitorescas

### Falha de memória

Palmyro Masiero

No último número de “O ESTAFETA”, encerrei uma sinopse na qual destaquei os fatos históricos acontecidos com a instalação da República no Brasil, a eleição do seu primeiro presidente e do primeiro prefeito de Piquete, que veio a falecer no início de 1902.

Seu perguntar quem foi ele, a maioria (admitindo que sejam nossos leitores) responderá de prima, ali na bucha:

- Ora, Carlos Augusto Tacques Bittencourt.

Se fizer uma outra indagação, a resposta não será tão tranqüila:

- Onde fica a rua que tem seu nome?

Creio que só os moradores da mesma e o carteiro replicarão:

- Lá na Vila São José.

Taí o nó da questão. O homem morreu em 1902 e a Vila São José surgiu bastante tempo mais tarde. Por que não o homenagearam lá no pequeno aglomerado inicial da cidade? O prefeito da época, 1902, José Inocêncio Alvim Bittencourt, era seu irmão. Medo da acusação de nepotismo não se justificaria, já que morto não entra na folha de pagamento. Ficamos, então, que não deu o nome do irmão a uma rua porque não existia rua pagã, bem mais plausível. Não possuo nenhuma referência daquele que, em boa hora, dele se lembrou, batizando uma rua algo escondida lá na Vila com seu nome. Não haveria, no entanto, um lugar mais condizente que fizesse jus a tão insigne homem público? Não quero fazer comparações nem discutir méritos, mas verificando a planta da cidade com os respectivos nomes das ruas, fico pensando: Carlos Augusto – da primeira Intendência, da terceira e primeiro prefeito – não merecia um destaque maior?

Em 6 de março de 1902, o vereador Alziro Silva Rodrigues apresentou um projeto à Câmara, unanimemente aprovado, no qual a municipalidade concedia gratuitamente a viúva do falecido Carlos Augusto Tacques Bittencourt, a sepultura Letra A do § 5º, do Artigo 93 da Lei nº 3 de janeiro de 1893, onde foi sepultado o mesmo falecido. Ainda bem que foi o mesmo, senão poderia se transformar em confusão. Por ironia, a Lei nº 3 – o Código Municipal – foi sancionada pelo morto, quando vivo. Essa classe de sepultura é particular e perpétua para adultos. Ganhou um presente não muito saudável, embora pudesse ser até à prova d’água.

O caso é que José Inocêncio não emplacou rua alguma com o nome do irmão, o tempo foi rolando, a cidade crescendo, o pessoal do “Velho Piquete” embarcou para o além, novas ruas se abrindo e o velho Carlos Augusto foi pra geladeira da memória.

É mano, já disse alguém que “a vida é o momento que passa”; por consequência, se você pretende entrar para a posteridade, seja amigo ou parente “dos homens”, confira se tem ruas disponíveis e bata as botas no momento certo. Boa viagem.

**“Ninguém comete erro maior do que não fazer nada porque só pode fazer pouco”.**

**Edmund Burke (1729-1797)**

## Sexta-feira, 13 de abril de 2001.

*Memória para o presente como estética fertilizadora*

A Sexta-Feira Santa, ou da Paixão, é, na tradição piquetense, data relevante. Nos tempos antigos, de muito respeito. Dia em que nem se falava alto. Meditava-se. Conheci um homem que, nesse dia, em sua casa simples, numa salinha despojada, aquietava-se num canto a ler “Meditações sobre a morte”. Silenciava para tudo o mais nesse dia. Orava e transcendia. Ao levá-lo um recado, ele ouviu, circunspecto, e do seu canto, sentado em um tosco banquinho, falou-me das leituras que fazia, ensinando-me a justeza do ato. Ficou-me uma imagem de beleza.

Hoje, na Sexta-Feira maior, os atos litúrgicos continuam a marcar a hora das três, a magia da hora do sacrifício supremo em nome do perdão e do amor ilimitado, o sem adjetivações.

Depois, a caminhada com o Senhor Morto, a tradicional Procissão do Enterro, à qual todos os piquetenses católicos, compareceram. Não faltaram a Verônica e as Beús. Antes, muito antes, no tempo remoto, a banda musical acompanhava no Requiem dolorido, os baixos predominantes dos sons cavos.

Moradores da Vila Barão como figurantes da encenação da Paixão de Cristo.



Foto Robson Bangoin



Foto Robson Bangoin

Crucificação durante encenação da Paixão de Cristo no Oratório São Domingos Sávio.

Mas, algo de novo se anuncia! Uma dramatização dos principais passos: da Santa Ceia à Transfiguração, ao opróbio, ao julgamento, às acusações, na disputa da força do que é a verdade frente à suposição do seu contrário. E nos contraditórios, o caminho da cruz e do Calvário. A morte ignominiosa.

Lá longe, no centro alongado do Piquete, sob a luz da lua cheia, o canto da Verônica ecoa dos convexos dos morros na melodia do Dr. Arnolfo de Azevedo, composta na Fazenda Conceição, nos fins do XIX, contemporânea da emancipação da Vila. Enquanto isso, lá nos extremos ocidentais da expansão do velho bairro do Piquete, o drama de um Cristo de amor e compaixão entenece os acompanhantes no alarido que marca as multidões, do mesmo

teor das que acompanharam o Nazareno na Via Crucis. Nada estaria mais verdadeiro. A encenação de alto nível teve nos protagonistas a referência do aprimorado labor da arte da representação. O Cristo personificou-se no seu intérprete, com dignidade, autenticado como memória viva.

Foi possível sentir um homem no papel maior, em plenitude de compaixão, pelo que transmitiu de gestos amplos e suaves articulados por voz bem posta, de quem sabe bem o que está dizendo, e por quê. A sofrida crucificação teve se contraponto máximo na suprema beleza do momento da volta à vida, não mais a humana, mas no resgate da forma em nome da redenção prometida. Confirmadas todas as profecias, resgatadas todas as dores no perdão, a presença da Mãe era o símbolo de uma humanidade amplamente demonstrada no destino salvífico. As crianças, amedrontadas, as mães do povo consolavam por afirmar ser uma representação. Na pureza de seus corações e nas suas mentes despidas de recalques, a imagem ficará como símbolo de beleza plena.

**Dóli de Castro Ferreira**

“Cristo” carrega a cruz.



Foto Robson Bangoin

## Questão de bom senso

Os rios que cortam nossa cidade – Benfica e Sertão –, transformando-se no Rio Piquete, assemelham-se a dois córregos sujos e inexpressivos. Despertam saudades das pescarias da garotada nas cabeceiras das pontes e nas corredeiras, exibindo esculturas de bagre içados em lascas de taquara. Vai-se longe o tempo, os pescadores já são avós. Nessa época comentava-se que muitas construções estavam sendo erguidas muito próximas às suas margens, em desrespeito à lei da natureza, sem considerar ainda que as leis dos homens determinam distâncias mínimas a serem observadas para as construções. Aliás, margem de rio é propriedade da União, e não é por acaso. A engenharia e o bom senso, já há muito observaram que os rios precisam ter as suas margens livres para dar vazão às águas que se avolumam em épocas sazonais.

Mas o homem, às vezes por contingência da vida, e os loteadores descomprometidos, não respeitam os princípios da racionalidade. O resultado é inexorável. A

qualquer momento, em decorrência de chuvas mais fortes, o rio é “culpado” por acidentes ou até tragédias.

Por não ter margens preservadas, e por ter suas águas comprimidas em corredores de concreto, construídos de forma inadequada, ocasionalmente rompe, com violência, tudo o que encontra pela frente, arrebatando de volta o que é seu, como num ato de ira.

Não vamos culpar a natureza pelos nossos erros e inconseqüências. Não deveríamos também lamentar o ocorrido e recorrer às autoridades, Defesa Civil, Governo e outros mecanismos como a decretação de estado de calamidade pública, quando, a rigor, somos nós os responsáveis.

O que devemos, por princípio, é fazer cumprir as leis existentes, que determinam critérios a serem observados na construção de edificações e obras de engenharia, tais como: o Código de Obras, o Código Sanitário, a Lei de Parcelamento e Uso de Solo, elaboradas exatamente com a finalidade de evitar esses desastres.

Por oportuno, devemos lembrar que nossa cidade tem uma lei específica de parcelamento e uso do solo, que, acredito, seja desconhecida de muitos membros do Legislativo e do Executivo, quanto mais da população em geral.

Possuímos mecanismos legais para conter os abusos, no entanto, não há fiscalização.

Se dermos uma volta pela cidade, podemos verificar os despautérios: sacadas construídas sobre calçadas, edificações sobre o leito de rios e assim por diante.

Não adiantam as leis se não há fiscalização. Também, não adianta chorar o leite derramado.

É uma questão de escolha: ou a população, seus representantes e autoridades fazem cumprir as leis ou assistiremos, continuamente, à natureza dando sua resposta à ação depredadora à ela causada.

O que não aceito é que depois da desgraça, nós, cidadãos, tenhamos que pagar por isso.

**AMG**

## FCR e Secretaria de Cultura do Estado



Foto arquivo Pro-Memória

A partir da esquerda: Regina Caríni, do Fundo Social de Piquete, Helena Alves, Prof. Nelson Pesciotta, Secretário de Cultura de Lorena, Eliane Machado, Rosana Teixeira, da FCR, Dulce Maia, Evelize Chaves, da FCR e Paulo Noia de Miranda. Foto no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”.

A Fundação Christiano Rosa recebeu, no dia 16 de abril, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, a Delegada Regional de Cultura, Eliane Machado, e representantes de várias cidades do Cone Leste Paulista. Na ocasião houve apresentação de alunos da Escola Prof. Leopoldo, sob a orientação da Profª Mirthes de Oliveira Chaves.

Foram expostas fotos de Piquete, de autoria de Paulo César Neves e trabalhos do artista plástico Luciano de Almeida. Ambos os trabalhos fizeram grande sucesso entre os visitantes.

A visita fez parte da programação do I Fórum de Dirigentes Culturais do

Cone Leste, realizado em Lorena. Após o almoço, foram recepcionados, em Piquete, pelo presidente da FCR, Paulo Noia de Miranda, por membros da FCR, pela Vice-Prefeita de Piquete, Dulce Maia dos Reis e pela Profª Helena Costa Alves, Diretora de Cultura do município. Visitaram, também, a IMBEL, sendo recebidos pelo Cel. Alfredo Maurício de Araújo.

Foi servido, na FCR, um saboroso “Café na Roça”, preparado pela Sra. Ana Maria Jofre. Do Fórum, ficou decidido que a FCR sediará, em novembro, a final da mostra de Vídeo do Mapa Cultural Paulista, importante projeto da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo.

## Notas da Cidade

□ Foi muito concorrido o concurso de judas promovido pela associação dos moradores do bairro Vila Cel. Monte. Os bonecos ficaram expostos em forcas instaladas ao longo do rio, em frente ao antigo mercado, no dia 15 de abril, domingo de Páscoa. Grande quantidade de balas e ovos de páscoa foi oferecida às crianças. O evento foi abrilhantado pela Banda Silva Moreno. Os 3 primeiros classificados foram: D. Rosa Arantes, Cristina C. Ferreira e Lia Chaves.

Parabéns aos moradores pela iniciativa.

□ Piquete amanheceu no Domingo de Páscoa com judas espalhados por diversos pontos da cidade. Alguns muito originais e sempre satirizando personalidades, principalmente políticas. A corrupção foi execrada, o que mostra ser inaceitável pela população: “Juiz Lalau” é para ficar na cadeia (1º lugar no concurso).

Tradicionalmente, o Sr. Waldemar Campos enforcou o boneco em frente ao seu estabelecimento comercial. Tivemos também judas nos bairros Santo Antônio, Josefina, Vila Célia e Caixa D’Água, no Oratório São Domingos Sávio, na Estação Ferroviária e próximo à Matriz de São Miguel.

Ao meio-dia, houve a queima e malhação e a Aleluia. Essa popular brincadeira faz parte de nosso folclore e vale a pena ser registrada.

□ A comunidade católica de Piquete participou ativamente dos eventos da Semana Santa. Foram momentos para reflexão e de preparação para a Páscoa. As procissões aconteceram com grande número de fiéis, principalmente a da Sexta-Feira.

Na Matriz, as cerimônias religiosas contaram com grande participação popular. O mesmo ocorreu na Capela de Santo Antônio. No Oratório São Domingos Sávio, uma bem elaborada Via Sacra, encenada nas ruas da Vila Barão, foi acompanhada por muitos fiéis.

□ As chuvas escassas deste último verão, com índices pluviométricos inferiores à média prevista, fez secar os reservatórios paulistas. Este fato, que vem sendo notificado pelos meios de comunicação, deixou os governos apreensivos. Torna-se necessário o racionamento da água para que esta não venha a faltar e também para que não haja queda na produção do setor elétrico. É preciso que a população se concientize de que é importante racionalizar o uso de energia e evitar o desperdício de água e luz.

## Edital

A Excelentíssima Senhora Dra. KÁTIA MARGARIDO BARROSO, MMª. Juíza Eleitoral da 337ª ZE / Piquete,  
no uso de suas atribuições legais,

TORNA PÚBLICA, a todos quantos o presente Edital virem ou dele tiverem ciência, relação de eleitores que deixaram de votar em três eleições consecutivas, que ficará disponível em Cartório, para conhecimento dos interessados, de que, por força do disposto nos artigos 70, § 3º, e 71, V, do Código Eleitoral, deverão ter as respectivas inscrições canceladas.

Pelo presente, ficam os referidos eleitores cientificados de que o não comparecimento ao Cartório Eleitoral, para comprovação do exercício do voto, do pagamento da(s) multa(s) correspondente(s) ou de justificação de ausência, no prazo de 60 (sessenta) dias, a contar do dia 20-3-01, implicará o cancelamento automático das mesmas,

nos termos dos § 4º e 5º do artigo 78 da Resolução TSE nº 20.132, de 19-03-98, com as alterações posteriores.

E para que se lhe dê ampla divulgação, inclusive nos meios de comunicação existentes nas localidades abrangidas pela Zona Eleitoral, determinou o Excelentíssima Senhora Juíza Eleitoral fosse afixado o presente Edital no local de costume.

Dado e passado nesta cidade de Piquete, aos 20 dias do mês de março do ano de 2001. Eu, Alenilda Almeida Mendes, Escrivã Eleitoral, preparei e conferi o presente Edital, que é subscrito pela MMª. Juíza Eleitoral, Dra. Kátia Margarido Barroso.